



OS MOMENTOS E SEUS PÚBLICOS NAS RODAS DE SAMBA DO QUILOMBO DO GROTÃO/RJ

YOLANDA GAFFRÉE RIBEIRO¹

Resumo: As rodas de samba com feijoada no Quilombo do Grotão são momentos significativos de abertura do espaço a públicos variados. São constituídas, assim, cenas públicas que envolvem experiências sensoriais e estéticas e atividades ao mesmo tempo comerciais, artísticas, lúdicas e familiares que levantam, ainda, questões de ordem cívica, ligadas às reivindicações de direitos. Neste artigo, busca-se analisar como as interações face a face e as relações de copresença entre músicos, frequentadores, funcionários e moradores, durante as rodas de samba, fazem ecoar diferentes vozes e usos do espaço, fazendo surgir conflitos e controvérsias, assim como acordos e compromissos.

Palavras-chave: Quilombo do Grotão. Roda de samba. Interacionismo simbólico. Sociologia pragmática.

The moments and their audiences in the samba circles of Quilombo do Grotão/RJ

Abstract: The “rodas de samba” with feijoada in Quilombo do Grotão are significant moments of opening the space to different audiences. Thus, public scenes are formed that involve sensory and aesthetic experiences, and activities that are at the same time commercial, artistic, playful, and familiar, and that also raise civic issues related to the demand for rights. In this article, we seek to analyze how face-to-face interactions and co-presence relations among musicians, regulars, employees and residents – during the “rodas de samba” – echo different voices and uses of space, giving rise to conflicts and controversies, as well as agreements and commitments.

Keywords: Quilombo do Grotão. Roda de samba. Symbolic interactionism. Pragmatic sociology.

INTRODUÇÃO

Lembro-me do primeiro dia em que estive no quilombo do Grotão, ainda que a memória deixe falhar algumas situações vividas naquela tarde. Afinal, já se vão mais de cinco anos desde então,

¹ Doutora em Antropologia. Pós-Doutoranda INCT/InEAC – FAPERJ e PPGA/UFF. E-mail: gr.yolanda@gmail.com

algumas cervejas na conta e a descontração do momento que garantiram certa fluidez às lembranças que carrego comigo. Naquela ocasião, estive acompanhada de um grupo de professores e pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) e nos deslocamos até o quilombo para participar da roda de samba e, também, prestigiar a cerimônia em homenagem a Jairo Augusto e Seu Chico, pescadores artesanais de Itaipu¹.

Desde então, passei a frequentar as rodas de samba, principalmente os “sambas da comunidade” que, com entrada gratuita, acontecem no último sábado do mês, embora eu não objetivasse, inicialmente, realizar uma pesquisa no quilombo². Ao mesmo tempo em que as rodas eram momentos de lazer, em que eu me permitia dançar, beber cerveja e conversar com os amigos, a interação com os moradores envolvia uma “representação do eu” *self*, para usar uma terminologia de Erving Goffman (2014), atravessada pelo papel de “pesquisadora da universidade” que eu assumia e me foi atribuída desde o início, acompanhando certos “rituais de interação” (Goffman, 2012). A manutenção desta “fachada” (2012) como pesquisadora/professora da universidade envolvia experienciar momentos de descontração, dança e diversão durante as rodas e, ao mesmo tempo, adotar certas expressões corporais e formas gestuais que não fossem interpretadas pelos moradores, a meu ver, como exageradas ou inconvenientes.

Nesse aspecto, as rodas de samba em ambientes urbanos são momentos que acompanham também seus rituais de interação, com regras e decoros apropriados. Ainda que cada lugar e os diferentes momentos nas rodas permitam uma pluralidade de percepções quanto aos comportamentos entendidos como adequados/inadequados, era dentro de certo “quadro de interações” (2012) que eu observava e guiava as ações durante as rodas de samba no quilombo do Grotão. As maneiras pelas quais eu me divertia, dentro desta “fachada” mais ampla de pesquisadora da universidade, envolviam a expressão de gestos não verbais como a dança, o consumo de bebidas alcóolicas e a existência, ou não, de flertes ocasionais.

Ainda dentro desse cenário, as interações faladas levavam aos cumprimentos habituais aos moradores que, com o desenvolvimento do trabalho de campo, se estenderam também aos funcionários. Essas “pequenas cerimônias de saudações e despedidas” (GOFFMAN, 2012) contribuíam para garantir que o contato anterior fosse retomado adequadamente e que um encontro futuro estivesse em nosso horizonte de possibilidades. Tais encontros conversacionais incluíam, ainda, indagar os moradores sobre como caminhavam os procedimentos para o reconhecimento do território como remanescente de quilombo, tal qual o processo de certificação na Fundação Cultural Palmares ou a titulação do território pelo INCRA.

Nesse aspecto, é possível observar que as interações físicas com os moradores do Grotão, dentro desta “fachada” como antropóloga e pesquisadora da universidade, não estavam dissociadas da confecção de arenas em torno das quais são elaboradas demandas de direitos de comunidades remanescentes de quilombo. No caso específico do quilombo do Grotão, ainda, a minha relação com os pesquisadores da UFF que realizam estudos de caráter antropológico e ações aplicadas, fruto do diálogo com os grupos locais, há pelo menos vinte anos – incluindo os pescadores de Itaipu mencionados anteriormente – orientava a expectativa dos moradores com relação ao meu próprio desempenho no papel de pesquisadora e antropóloga.

No entanto, a definição do que seja sucesso ou fracasso na realização dessa empreitada depende de fatores e circunstâncias que não estão colocadas de antemão. Ao contrário, é preciso considerar os enquadramentos que orientam investimentos de pesquisa, interesses e condutas que são constantemente negociadas no curso das interações. Nesse sentido, as arenas que levam à publicização das demandas dos moradores do Grotão seguem sendo feitas e refeitas em diferentes cenas públicas. Dependem de cenários compósitos, nos quais estou mais ou menos inserida como pesquisadora. Estes incluem dispositivos jurídicos e constitucionais, canais de mediação, políticas governamentais, além de gramáticas e vocabulários que acompanham as disputas, conciliações e performances públicas.

As rodas de samba com feijoada no Quilombo do Grotão podem ser pensadas como uma dessas cenas públicas, como momentos significativos de abertura a um público variado que dota de visibilidade o lugar. Envolvem experiências sensoriais e estéticas e atividades que são ao mesmo tempo comerciais, artísticas, lúdicas, familiares e que levantam, ainda, questões de ordem cívica, estando ligadas às reivindicações de direitos dos moradores. Isso permite pensar como os

frequentadores das rodas de samba são, ao mesmo tempo que visitantes, também pesquisadores, técnicos de agências governamentais, ambientalistas, parlamentares, músicos, ou, simplesmente, admiradores do samba como estilo musical.

Assim, a noção de público não está definida *a priori*. Ao contrário, esta depende da elaboração de conteúdos e sentidos partilhados que estão em constante negociação, no curso das interações. Dar atenção aos “pequenos acontecimentos” (GOFFMAN, 2012), os quais nos implicam em situações de interação, por meio de gestos, expressões corporais, condutas e conversações, permite pensar o constante fazer e refazer laços que nos instituem na relação com os outros, mas também com o mundo envolvente (THÉVENOT, 2016). Essa perspectiva atenta aos detalhes e ao curso das interações cotidianas, própria do interacionismo simbólico, encontrada nos trabalhos de Erving Goffman (2010; 2012), contribui para o desenvolvimento deste artigo, a partir do que Isaac Joseph definiu como “situacionismo metodológico”, considerando que “entre a ordem estrutural e a ordem de interação existe uma ‘articulação imprecisa’” (JOSEPH, 2000).

As relações face a face são pensadas como o substrato dos quadros de interação (GOFFMAN, 2012), nos quais tanto se compõe a vida cotidiana como se (re)elaboram as relações interpessoais. Assim, somos simultaneamente agentes e expectadores do percurso da ação. Esse caráter pragmático da ação situada, herança da Escola de Chicago, aproxima-se da etnografia e influencia os estudos da chamada sociologia pragmática francesa (ver BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991; THÉVENOT, 2016; BREVIGLIERI, 2008) que, em diálogo com grupos de pesquisa sediados no Brasil (ver CEFAL et al., 2011), levaram à produção de trabalhos e instigantes reflexões acerca das vidas associativas, modos de vida urbano, rituais festivos e demandas de direitos de grupos minoritários, entre outros, os quais contribuem para as reflexões aqui desenvolvidas (ver MOTA, 2014; FREIRE, 2016; VEIGA, 2011).

A observação direta da vida social e a descrição de suas práticas apresenta-se como uma maneira adequada para situar os “contextos da experiência”, sem deixar de lado os constrangimentos ecológicos ou econômicos em jogo (CEFAL et al., 2011). Nesse sentido, busco analisar as relações de proximidade física entre músicos, frequentadores, funcionários e moradores durante as rodas de samba, considerando os conflitos e controvérsias, assim como os acordos e compromissos que envolvem a realização destas atividades. Ao observar a pluralidade de vozes, os diferentes usos do espaço e as interações durante as rodas, chamo atenção para a relevância desses momentos de abertura do espaço para a formação de públicos distintos. Com isso, é possível considerar os regimes de envolvimento e as experiências de acolhimento (THÉVENOT, 2016; 2018), assim como as redes de cooperação – e competição – que caracterizam os “mundos da arte” (BECKER, 2008b), sem perder de vista outras cenas públicas e dispositivos institucionais ligados às demandas de direitos dos moradores do Grotão.

MEIO URBANO, RODAS DE SAMBA E ASSOCIAÇÕES NO QUILOMBO DO GROTÃO

As atividades festivas, principalmente as festas juninas organizadas por Manoel Bonfim, que chegou do Sergipe no início dos anos 1920 com sua esposa, Maria Vicenza, para morar e trabalhar na antiga fazenda Engenho do Mato, são lembradas pelos seus descendentes e moradores do Quilombo do Grotão, mas também pelos habitantes de bairros vizinhos, como no caso dos pescadores artesanais de Itaipu, cujas relações de amizade e proximidade com os quilombolas do Grotão renderam alianças e parcerias em torno dos direitos das “comunidades tradicionais” de Niterói.

No caso do quilombo do Grotão, a criação do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), em 1991³, como uma Unidade de Conservação (UC) de caráter integral, ou seja, que não autoriza a permanência de seres humanos em seu interior, gerou ameaças de expulsão da família Bonfim do local onde moram, desde o início do século XX. Neste contexto, entram em cena diferentes personagens, cujas performances nos ajudam a pensar as controvérsias, disputas e acordos em torno de uma gramática plural de ordem ecológica e de gestão da “natureza” (LAFAYE; THÉVENOT, 1993). As mobilizações que denunciam o avanço do desmatamento na região; as falas públicas que afirmam a existência de um processo de “favelização” da Serra da Tiririca, associando-o à permanência das famílias “tradicionais” no topo do morro, como apresenta Fabio Reis Mota (2014); mas também a atuação de ambientalistas, parlamentares, pesquisadores e

moradores que sustentam o direito de permanência e a contribuição das “comunidades tradicionais” para a preservação da fauna e flora locais, são alguns exemplos.

Nesse sentido, a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), no início dos anos 2000, prevê a possibilidade de participação das “populações locais” na implementação e gestão de Unidades de Conservação (UC)⁴. A criação de uma associação regida por estatuto e com registro de pessoa jurídica (CNPJ) foi, então, um condicionante para que os moradores do Quilombo do Grotão tivessem assento no Conselho Deliberativo do PESET, o que viria a ser a Associação da Comunidade Tradicional do Engenho do Mato (ACOTEM), criada em 2003. Este imperativo de participação (THÉVENOT, 2017) implicou dispositivos que passaram a fazer parte da rotina dos moradores, por meio de nomenclaturas, tais como assembleias, atas e registros, em parte, alheias aos modos de vida local, configurando um formato associativo que pode ser pensando como compulsório, tal como sugerido por Ronaldo Lobão (2010), em sua análise sobre a implantação de Reservas Extrativistas.

Tendo como objetivo angariar recursos para a formação da associação, os moradores mobilizaram relações de amizade, parentesco e vizinhança que constituem, ainda hoje, eles importantes para a vida associativa e organização das rodas de samba, assim como as articulações políticas e a circulação e mobilidade das pessoas em meio urbano. Começaram, então, a vender a feijoada, feita a lenha e, em seguida, realizar as rodas de samba e choro, com a participação do grupo “Choro Malandro”, uma vez ao mês. Este conjunto já se apresentava na casa de samba “Coisas da antiga”, localizada em Itaipu. Era ali que Renato, principal liderança no Grotão, trabalhava como segurança, mantendo relações de amizade e proximidade com os músicos, assim como com os donos do referido estabelecimento musical.

Com o aumento do público durante as atividades musicais, tiveram início os primeiros “sambas da comunidade”, com entrada gratuita, uma vez ao mês, e os moradores mantiveram a comercialização da feijoada. A continuidade dos sambas, nesse primeiro momento, foi apoiada por parlamentares ligados ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), ao mesmo tempo em que estes estiveram engajados na elaboração de projetos de lei e com atuação que favorecesse a permanência dos moradores no território, em face dos conflitos advindos com a criação do PESET⁵. O apoio rendeu parcerias políticas e levou à filiação de Renato ao partido.

É interessante notar, contudo, que desde a realização das primeiras rodas de samba há um esforço de autonomização frente aos apoiadores iniciais, sem o rompimento de parcerias políticas, o que pode ser observado na entrega de homenagens e títulos honoríficos a figuras públicas e parceiros políticos, nos intervalos dos sambas. O ato público que envolve dar e receber a “medalha Manoel Bonfim”, cuja referência ao nome do patriarca da família merece ser notada, pode ser pensado como um ritual de deferência (GOFFMAN, 2012), em que são expressas formas particulares de estima e compromisso entre os moradores do quilombo e aqueles contemplados com a homenagem.

Este foi o caso, por exemplo, da cerimônia de entrega da medalha “Manoel Bonfim” a Jairo Augusto e a Seu Chico, mencionada no início do texto, tendo sido agraciados, também, Luís Sacopã, liderança do quilombo Sacopã, no Rio de Janeiro, músico e ex-presidente da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio de Janeiro (ACQUILERJ), parlamentares, professores, pesquisadores e outras lideranças comunitárias. Essas homenagens – entendidas aqui como atos públicos de deferência – criam um “circuito de reciprocidade permanente”, tal como sugeriu Felipe Berocan Veiga (2014) que, em seus estudos na Gafieira Estudantina, no Rio de Janeiro, mostra como a homenagem a artistas consagrados contribuiu para a manutenção das atividades naquele estabelecimento. No quilombo do Grotão, os homenageados são, principalmente, figuras públicas que contribuem, de algum modo, para fortalecer as demandas de direitos dos moradores.

No entanto, a apresentação pretendida do lugar como uma “casa de samba”, sem uma vinculação com a figura do partido ou mesmo sem associação direta com questões de ordem cívica, é fortalecida na relação com os músicos que são, em sua maioria, profissionais, ou seja, tem a música como ocupação principal. A relação destes com os moradores que organizam as rodas de samba incluem também atos de deferência que não estão circunscritos às cerimônias de entrega da “medalha Manoel Bonfim”, momentos demarcados por falas ao microfone e sessões de fotos que ocorrem na área central das rodas de samba. A expressão dos compromissos entre

músicos e moradores se dá, assim, por meio de “pequenas cerimônias” (GOFFMAN, 2012) no curso das interações durante as rodas de samba, como veremos.

COMPORTAMENTOS PÚBLICOS, LEALDADES E DISPUTAS NAS RODAS DE SAMBA

Os músicos aproximam-se do quilombo após frequentarem o espaço, ou são chamados por outros artistas que ali já se apresentavam, construindo relações de amizade e confiança, principalmente com Renato. O espaço, ao mesmo tempo que dota de visibilidade o trabalho de artistas iniciantes, recebe também músicos consolidados, como Carlinhos Sete Cordas e convidados como Pretinho da Serrinha e Moacyr Luz. A parceria com os artistas envolve, então, uma dimensão econômica importante, afinal as rodas de samba são momentos em que o quilombo tem uma movimentação intensa de pessoas. A venda de artesanato e doces contribui para complementar a renda dos moradores, enquanto a comercialização da feijoada tem aumento considerável, se comparada aos dias em que não há rodas de samba e a casa funciona somente como restaurante.

O samba com feijoada no quilombo do Grotão ganhou, assim, certa notoriedade em meio aos circuitos de samba na região metropolitana fluminense. Há cerca de cinco anos, acompanha um calendário mensal relativamente regular, acontecendo aos finais de semana, a partir das 14 horas. É cobrado *couvert* artístico de 20 reais, com a exceção dos dias de “samba da comunidade”, realizado no último sábado do mês. No primeiro domingo do mês, tem lugar o “Samba de fé”, com o músico André Jamaica e o grupo “família quilombo”; no segundo domingo do mês acontece a “Roda de samba entre amigos”, com Carlinhos Sete Cordas e convidados; no terceiro domingo do mês temos o projeto “Saudação aos tambores”, com Mingo Silva e convidados. No último domingo do mês ocorre o “Mulheres do samba” que apresenta uma “roda de samba feita só por mulheres”. Ainda que haja especificidades, os instrumentos predominantes são: cavaquinho, violão e violão de sete cordas (em algumas rodas), pandeiro, tamborim, surdo, caixa, repinique, tan-tan, chocalho, atabaque e agogô, estes últimos em algumas rodas e, unanimemente: o canto.

Os frequentadores são, em sua maioria, pessoas negras e brancas de estratos de classe média urbana, moradores, sobretudo, de Niterói, Rio de Janeiro, Itaboraí, Maricá e São Gonçalo, municípios da região metropolitana do estado fluminense e alguns deles limítrofes ao município de Niterói. As atividades musicais são divulgadas em redes sociais, pelos administradores da página no Facebook, pelos próprios músicos e o quilombo tem se consolidado como espaço de lazer para os frequentadores. Muitos deles conheceram o lugar ao serem convidados por amigos, outros frequentam o espaço desde o início da comercialização da feijoada e da realização das rodas de samba.

Nesse sentido, é interessante considerar os diferentes regimes de envolvimento e acolhimento (THÉVENOT, 2016; 2018) observados no quilombo do Grotão. Os frequentadores valorizam relações de familiaridade com o lugar e com as pessoas. Durante o trabalho de campo, muitos visitantes faziam questão de dizer: “eu venho aqui há muitos anos”; “Eu venho aqui desde que o samba começou”, ou, ainda, estabelecem uma relação de proximidade temporal com os moradores do quilombo: “eu brincava com Renatão quando éramos pequenos”, “conheço a Sônia a muito tempo”. Com isso, é possível considerar a valorização de relações que envolvem um *regime de familiaridade* (THÉVENOT, 2016) com o lugar e as pessoas, cujas experiências de proximidade implicam ajustamentos corporais e íntimos que não exigem o uso da palavra ou formatos argumentativos.

Ainda, ao afirmar relações de antiguidade com o lugar e as pessoas, muitos frequentadores costumam pontuar as mudanças na estrutura física do local, ou mesmo observam: “quando eu comecei a vir aqui não tinha máquina de cartão”. As observações quanto à existência “recente” da máquina de cartão, inclusive, são recorrentes. Nesse ponto, este objeto pode ser pensado como um *actante* (LATOUR, 2017) na relação das pessoas com o espaço. Sua presença e condições de eficiência indicam, ainda, um equipamento que permite ampliar a oferta de serviços ao público. Trata-se de um objeto apropriado a uma linguagem de *ordem mercantil* (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991) como equivalente monetário que, ao mesmo tempo, se adequa a uma grandeza de *ordem industrial*, sendo colocado à prova frente ao seu pleno funcionamento técnico.

A inquietação dos organizadores quanto ao não funcionamento da máquina de cartão está ligada a diminuição do consumo, o que dificulta o pagamento dos familiares e funcionários que trabalham durante as rodas de samba. Não à toa, é no caixa, onde circula o dinheiro, os cartões e o pagamento pelos serviços, que muitos conflitos acontecem. No entanto, as cobranças relacionadas à oferta dos produtos no quilombo podem ser dirigidas aos funcionários, moradores ou mesmo ao principal anfitrião da casa, Renatão, que circula entre as mesas cumprimentando os presentes e conhecidos.

Em um “samba da comunidade”, enquanto eu conversava com Renato sobre a roda em homenagem a São Jorge, ocorrida na semana anterior, ele me disse: “foi bom, tinha muita gente” e emendou falando que havia um “problema”. Se, por um lado, a divulgação é boa porque a casa ficou cheia, por outro, eles tiveram dificuldades para atender a um público numeroso. Após essa conversa, li um comentário queixoso na página do Facebook do quilombo que dizia: “Será que deu tempo de fazerem a feijoada desde o feriado passado? Fiquei horas esperando na fila”, fazendo referência a data comemorativa mencionada acima.

No que diz respeito a essas demandas, pude observar, ainda, tentativas de barganha na redução no valor do *couvert* artístico cobrado no início das rodas de samba. Algumas dessas investidas dirigiam-se diretamente a Renato, que deixou ele mesmo de fazer as cobranças, passando a tarefa a um funcionário que não fosse morador do quilombo. Essa estratégia pode ser pensada como uma maneira de “salvar a sua fachada” (GOFFMAN, 2012), percebida pelos visitantes como agregadora e receptiva, podendo ser abalada diante de uma implicação direta com o recebimento do dinheiro. Há, ainda, um esforço de convencimento quanto a justiça do valor cobrado, considerando o slogan que acompanha o cartaz de divulgação nas redes sociais, o qual enfatiza: “lembramos que o *couvert* artístico é inteiramente convertido aos músicos que tanto fazem a nossa alegria”.

Nesse sentido, a ampliação do público durante as rodas de samba com feijoada contribui para diversificar o perfil dos frequentadores e implica ajustamentos a uma *ordem de grandeza mercantil*, associada à oferta e cobrança de serviços, entre os quais a música e a comida. Ao mesmo tempo, as demonstrações de estima e a expressão de compromissos na relação com os músicos são significativas. Com isso, o anfitrião da casa, em algumas circunstâncias, fica em uma posição delicada não apenas no que diz respeito a manutenção de sua “fachada pessoal”, mas também na mediação da relação entre os clientes e os seus parceiros de “projetos” musicais.

Esse papel ambivalente foi notado em uma situação ocorrida durante a roda de samba “saudação aos tambores”, liderada por Mingo Silva, músico e compositor nascido no bairro da Engenhoca, em Niterói. Este “projeto” musical, ao mesmo tempo que valoriza a dimensão simbólica do “tambor” para as religiões afro-brasileiras – o que também pode ser observado nas obras do músico – também busca promover a apresentação de “sambas autorais”, compostos por Mingo e seus parceiros musicais. Ainda que não seja um artista conhecido do grande público, em termos da veiculação midiática de suas músicas, ele assume relevante inserção no circuito das rodas de samba, tendo seu trabalho reconhecido por sambistas consagrados, como Moacyr Luz, com quem toca no famoso “samba do trabalhador”, no Andaraí, no Rio de Janeiro, mas também pelos frequentadores das rodas de samba que o cumprimentam no início das apresentações e pedem para tirar fotos.

No dia a que me refiro, havia observado um grupo de três rapazes e uma moça, comprando cervejas e conversando animadamente. Num determinado momento, enquanto eu conversava com Cristina, esposa de Renato, que fica costumeiramente no caixa, um dos rapazes dirige-se a ela durante o intervalo das músicas e questiona: “Nesse samba só tem música autoral? Não vai tocar música conhecida?”, em tom de reclamação. Quando este sai, sem comprar nada, Cristina diz, como que se justificando: “é que eles são jovens, gostam de beber e dançar”. Em seguida, quando os músicos já se encaminham para o segundo *set*, com olhares furiosos ao grupo em questão, nosso anfitrião vai até a mesa dos clientes e diz-lhes algo que não consigo ouvir, pois o som já havia reiniciado. Imediatamente após a sua fala, todos do grupo saem do estabelecimento sem fazer qualquer questionamento, ao menos de modo aparente.

Nesse momento delicado, Renato desempenha um papel apropriado ao que Goffman (2009) chamou de “acalmador” diante daqueles que falharam de modo inaceitável sobre como proceder

em suas reclamações, atingindo diretamente o ego dos músicos e passando por “otários” (2009). Coube ao nosso anfitrião, então, comunicar a inadequação do comportamento aos visitantes que, por sua vez, se retiraram do lugar sem esboçar reclamação. Desse modo, a conversa, em parte inaudível para mim, serviu aos clientes para alertá-los de seu próprio fracasso. Ao mesmo tempo, restituiu aos músicos a dignidade abalada, já que puderam acompanhar a retirada do grupo indesejado, ao mesmo tempo que apresentavam semblantes vitoriosos. Tal iniciativa fez com que Renato preservasse a “fachada” dos músicos, evitando que fossem estes os tirados como “otários”, o que poderia comprometer sobremaneira a sua relação com eles. Assim, o esforço para a preservar a fachada desses “outros” garantiu, antes de tudo, a possibilidade de restituir a ordem de interação (GOFFMAN, 2012), expressando que compromissos e lealdades foram mantidos.

Nesse sentido, como observa Howard Becker em seu livro “mundos da arte” (2008b), a produção artística não é fruto da inspiração de autores isolados e dotados de dons excepcionais (BECKER, 2008b, p. 53), mas, ao contrário, depende de “redes de cooperação” e “convenções” sociais que tornam possíveis tanto a realização quanto a apreciação partilhada de uma obra de arte. A organização das rodas de samba com feijoada no quilombo do Grotão depende, assim, da atuação de inúmeros personagens, desde os moradores e funcionários contratados para trabalhar na cozinha, fazer a limpeza e organizar o espaço, entregar os pedidos nas mesas, passando pelos que atuam como operadores de som, aqueles responsáveis por produzir e vender o artesanato, até os músicos que desenvolvem “projetos” artísticos no lugar.

As rodas de samba no quilombo do Grotão e seus rituais de interação cumprem, então, uma função pedagógica no que diz respeito aos gestos corporais e comportamentos considerados adequados, levando ao aprendizado de certas regras associadas à experiência estética e sensorial. Existem, ainda, convenções partilhadas por aqueles que costumam frequentar as rodas de samba, nem sempre evidentes aos não iniciados, o que envolve conhecer as músicas a serem potencialmente tocadas, quais os limites para a aproximação física entre as pessoas, entre outros códigos que regem as interações face a face nesses ambientes.

No entanto, ainda como sugere Becker, a partir de seus estudos sobre as carreiras de músicos das casas noturnas nos Estados Unidos (BECKER, 2008a), há uma tensão permanente entre os artistas e as demandas do público. Isso pode ser observado também durante as rodas de samba no quilombo do Grotão, quando os músicos não estão interessados, por exemplo, em atender aos pedidos dos visitantes. Nesse sentido, é possível considerar a ambivalência entre a “liberdade” artística do músico e o exercício de um “controle” constante por parte do público, que costuma ser equilibrada com a apresentação de músicas popularizadas – levando a participação ativa dos frequentadores, quando o espaço aberto para a dança fica cheio e animado – e o desenvolvimento de músicas menos conhecidas, ainda que possam ser facilmente reconhecidas por aqueles mais experientes no mundo do samba.

O desafio de tocar músicas autorais, no caso do Mingo Silva, requer também um equilíbrio e ele não deixa de levar à frente músicas conhecidas pelo grande público. No entanto, o exercício desta “liberdade artística” é valorizado na fala do artista que define as rodas de samba do quilombo do Grotão como um espaço aberto para tocar mais pelo “prazer” do que pelo “dinheiro”, em contraponto a outros trabalhos por ele assumidos, cuja relação com as exigências do público é de outra ordem. Nesse aspecto, os compromissos e lealdades assumidas apresentam a importância das redes, mas também, dos gestos de cooperação que caracterizam os mundos da arte (BECKER, 2008b). Os “apadrinhamentos” de músicos iniciantes por artistas consagrados, as indicações de trabalho em meio a círculos profissionais restritos e as relações entre organizadores das rodas de samba e os músicos, indicam de que modo as performances musicais e públicas se dão em meio a cenários que comportam atores variados.

Analisar a pluralidade de vozes e comportamentos, durante as rodas de samba no quilombo do Grotão, contribui para pensar como compromissos e lealdades, assim como conflitos e controvérsias, são instituídas no âmbito das relações de copresença. A dimensão simbólica das interações, tal como Goffman buscou acentuar, permite levar a sério os pequenos acontecimentos, as conversações corriqueiras e os gestos cotidianos que, seguindo uma ordem de interação, estão constantemente fazendo e refazendo laços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio.*, Rio de Janeiro: Zahar, 2008a [1963].
- _____. *Mundos da arte*. Lisboa: Livros Horizonte. 2008b [1982].
- BOLTANSKI, Luc ; THÉVENOT, Laurent. *De la justification*. Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.
- BREVIGLIERI, Marc. Penser la dignité sans parler le langage de la capacité à agir. In: PAYET, Jean-Paul; BATTEGAY, Alain. *La reconnaissance à l'épreuve*. Explorations socio-anthropologiques. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2008. p. 83-92.
- CEFAÏ, Daniel; MOTA, Fabio Reis; VEIGA, Felipe Berocan; MELLO, Marco Antonio da Silva (Org.). *Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: Eduff, 2011.
- FREIRE, Jussara. *Problemas públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
- GOFFMAN. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. Acalmando o otário: alguns aspectos de adaptação à falha. Tradução de Jordão Horta Nunes. *PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 195-211, 2009.
- _____. *Comportamento em Lugares Públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Los momentos y sus hombres: textos seleccionados y presentados por Yves Winkin*. Barcelona: Paidós, 1991.
- GUARDIOLA, Carolina Llanes; SANTOS, Thaís. De fazenda a parque: o sítio Manoel Bonfim e a permanência familiar em uma área de proteção ambiental. In: *Pensando o Rio*. KANT DE LIMA et al. (Org.). Niterói: Intertexto, 2019.
- JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Ed. FGV. Trad: Cibele Saliba Rizek, Rio de Janeiro, 2000. 96 p.
- LAFAYE, Claudette ; THÉVENOT, Laurent. Une justification écologique? Conflits dans l'aménagement de la nature. *Revue française de sociologie*, v. 34, n. 4, p. 495- 524, 1993.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Ed: UNESP, 2017 [1999].
- LOBÃO, Ronaldo. *Cosmologias políticas do neocolonialismo: como uma política pública pode se transformar em uma política do ressentimento*. Niterói: Ed. UFF, 2010.
- MOTA, Fabio Reis. *Cidadãos em toda parte ou cidadãos à parte*. Demandas de direitos e reconhecimento no Brasil e na França. Rio de Janeiro : Consequência, 2014.
- THÉVENOT, Laurent. *La acción en plural: una introducción a la sociología pragmática*. Tradução de Horacio Pons. Revisão de Gabriel Nardaccione. Buenos aires: Siglo veintiuno, 2016 [2006].
- _____. O peso do imperativo da participação. Trad. Maurício Serva. *Ciências em Debate*, Florianópolis, v. 2, p. 1-13, jan./dez. 2017.
- _____. KAREVA, Nina. Le pain merveilleux de l'hospitalité Malentendus éclairant les constructions du commun. *SociologieS*. Dossiê: Hospitalités. L'urgence politique et l'appauvrissement des concepts, Toulouse, p. 1-23, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/sociologies/6933>>.
- VEIGA, Felipe Berocan. *O Ambiente Exige Respeito: etnografia urbana e memória social da Gafieira Estudantina*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

_____. Os ventos que vêm da Lapa: a dança social e a Praça Tiradentes como palco das transformações urbanas no centro carioca. In: BRITES, Walter Fernando; MILLÁN, María del Rosario (Org.). *Ciudades vivas: imaginaciones sobre el territorio*. 1. ed. Posadas: UNaM; CONICET, 2014. p. 125-158.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Bairro litorâneo de Niterói, abriga uma colônia de pescadores e uma Reserva Extrativista Marinha (RESEX-Mar), além de áreas pertencentes ao Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET). Itaipu passou por transformações urbanas significativas que se estendem e reconfiguram toda a chamada Região Oceânica de Niterói, na qual está incluído o bairro Engenho do Mato, onde se localiza o Quilombo do Grotão.
- ² Iniciei um trabalho sistemático em 2018, com idas semanais às rodas de samba e a outros momentos de reunião no quilombo do Grotão, realizando entrevistas e aprofundando as interlocuções, com vistas à realização da pesquisa de Pós-Doutorado (CAPES/INCT/InEAC).
- ³ RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 1.901, de 1991. Dispõe sobre a criação do Parque Estadual da Serra da Tiririca.
- ⁴ Ver a lei federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 20 maio 2020.
- ⁵ Fruto de intensos debates e negociações, foi elaborada a lei estadual nº 5.079/2007. Com ela, tanto as pessoas que moravam dentro dos limites definitivos do PESET, como os residentes na área posteriormente suprimida, poderiam ter do Executivo a garantia do direito real de uso das áreas por eles ocupadas há mais de 50 anos, “se dependerem, para sua subsistência, dos ecossistemas locais e os preservarem” (RIO DE JANEIRO (Estado), 2007). Esta concessão, no entanto, estende também obrigações aos moradores, em que a “construção de benfeitorias” passa a depender de autorização da Comissão Estadual de Controle Ambiental (GUARDIOLA; SANTOS, 2018).